

Sem prestígio, Sarney ataca Cardoso

DIANA FERNANDES

O presidente do Congresso Nacional, senador José Sarney, decidiu tornar pública, na semana passada, suas divergências com o presidente Fernando Henrique Cardoso. Insatisfeito desde o início do ano com o tratamento que vem recebendo do Governo Federal, especialmente em relação à dívida do Governo do Maranhão, que vem tirando o sono de sua filha Roseana, Sarney tentou reverter a situação enviando sinais de seu descontentamento ao Planalto. Não surtiu efeito. Ele, então, trocou a ação nos bastidores por ataques frontais, criticando a "contradição" entre o discurso presidencial e sua prática no Governo.

Primeiro, Sarney bateu o pé em defesas do recesso parlamentar e acabou ganhando a queda de braço com Fernando Henrique Cardoso, que pretendia esticar o calendário de trabalho dos senadores para garantir logo a aprovação das emendas da ordem econômica pelo Senado. Mesmo mantendo seu dis-

curso de apoio ao Governo, o senador Sarney deu mais uma estocada, encerrando a semana com críticas à política econômica do Presidente. "Manter os juros em patamares astronômicos apenas como instrumento de política monetária levará o País ao caminho que pode desembocar na recessão", disse na sexta-feira.

Discrição — Evitar que suas insatisfações com Fernando Henrique se transformem numa crise entre os dois poderes é, porém, uma das preocupações do senador Sarney, que cobra discrição de seus auxiliares. "As relações entre os dois são excelentes, o presidente Sarney tem o maior apreço pelo presidente Fernando Henrique", repete sempre o seu assessor de imprensa, Fernando César Mesquita. Mas entre os políticos as inconfidências são inevitáveis.

"Satisfeito com o Governo a gente vê que ele não está, mas o Sarney é muito ético e não deixa de ser solidário com Fernando Henrique", afirma o senador Edison Lo-

bão (PFL/AM), amigo de toda hora e fiel seguidor de José Sarney. Além do pouco caso da equipe econômica com o problema da dívida do Maranhão, que consome todo mês 20% (R\$ 17 milhões) da receita do estado, o presidente do Congresso se sentiu desprestigiado nas poucas vezes que tentou indicar nomes para cargos federais.

Mais cargos — Apesar das gestões que fez para manter na presidência do Banco da Amazônia S.A. (Basa) o maranhense Luiz Varella, Sarney perdeu a parada para o ministro da Fazenda Pedro Malan, que alegou a necessidade de colocar lá um técnico de sua confiança para sanear o Basa. "Não foi só o Sarney que ficou chateado com isso, mas também o Jáder Barbalho e outras lideranças da região", garante o senador Edison Lobão. Com a Eletro-norte aconteceu a mesma coisa. As indicações de Sarney ou aliados seus para a presidência da empresa foram ignoradas pelo Palácio do Planalto. "No Maranhão ele não pode querer mais nenhum cargo,

porque todos já são deles", dispara seu maior adversário, senador Epitácio Cafeteira (PPR/MA). "Eu até entendo que uma pessoa queira tudo, mas querer mais do que tudo é incompreensível".

A amigos, para demonstrar que não é prestigiado por Fernando Henrique, o senador José Sarney costuma repetir: "Eu não tenho um contínuo nesse governo". Mas essa não é sua maior mágoa. A situação da filha Roseana Sarney, governadora do Maranhão, lhe aflige e a pouca boa vontade do Governo em negociar a rolagem da dívida do estado lhe aborrece muito. Esta semana Roseana fez uma nova peregrinação pelos gabinetes dos ministros José Serra e Paulo Malan, mas voltou para São Luiz apenas com promessas, como já aconteceu de outras vezes. "O Sarney sente que não existe boa vontade da equipe econômica em judar sua filha e isso o deixa muito chateado", confirma um auxiliar próximo do presidente do Congresso.

Palácio também faz restrições

Se entre os aliados do senador José Sarney existem queixas contra a equipe do presidente Fernando Henrique Cardoso, no Palácio do Planalto o comportamento do presidente do Congresso também não agrada muito. A consequência dessa relação mal resolvida é o tratamento privilegiado que Fernando Henrique dispensa ao presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL/BA). "O Fernando Henrique ouve o Luís Eduardo mais do que qualquer outra pessoa no Congresso", costuma dizer o líder do PFL, deputado Inocêncio Oliveira (PE).

Mais prestígio do que Luís Eduardo nesse Governo, só o ministro Sérgio Motta, que é amigo de muitos anos do Presidente, acredita Inocêncio. No ninho tuano também existe a convicção de que Luís Eduardo tem uma relação muito especial com Fernando Henrique. "O

presidente sabe que o Luís Eduardo realmente gosta dele", afirma o deputado Arthur Virgílio Netto (PSDB/AM).

Desgosto — O primeiro desgosto do presidente Fernando Henrique Cardoso com José Sarney foi por ocasião da aprovação, no Senado, do decreto legislativo que acabou com a correção dos financiamentos agrícolas pela TR (Taxa Referencial), gerando uma das maiores crises do Governo com a bancada ruralista no Congresso.

"A lealdade mandaria avisar aos líderes governistas do perigo que estava entrando na ordem do dia, a votação do fim da TR", lamenta ainda hoje um interlocutor de Fernando Henrique na Câmara. "Para quem já foi Presidente da República não seria difícil imaginar que a votação feria os interesses do Governo".

Senador mantém 'ritual do cargo'

"Quem já foi rei nunca perde a majestade". No Congresso os próprios amigos do senador José Sarney recorrem ao velho ditado popular quando tentam definir o estilo de trabalho do presidente do Congresso. O estilo é de um Presidente da República e a agenda também. Ministro de Estado, embaixadores, chefes de Governo e delegações estrangeiras são personalidades freqüentes em seu gabinete no Senado, onde chega às 9h00 da manhã e nunca sai antes das 20h00.

"Esse nosso Presidente é o máximo", resume o senador Gilberto Miranda (PMDB-AM), ao falar das qualidades de Sarney. O amigo Edison Lobão (PFL/MA) vai além: "Ele é uma estadista, se veste como um estadista, tem atitudes, hábitos e decisões de estadista". E es-

sa postura não é apenas uma influência do período em que foi Presidente da República. Sarney nunca escondeu de ninguém que aprecia muito a chamada "liturgia do cargo". "Ele gosta mesmo e cultiva isso", confirma o senador Lobão. **Novo ritmo** — Determinar a moralização do Congresso, tentando deixar esquecidas no passado as denúncias de corrupção e falta de ética contra seus antecessores. José Sarney imprimiu no Senado um ritmo de trabalho que agrada a todos, governistas e oposição. "Ele conduz muito bem e tem feito um bom trabalho para moralizar a Casa", avalia o senador Roberto Freire (PPS/PE). "Sarney trabalha sério, com interidade e energia, mas sempre com grande espírito democrático" elogia o senador tuano Geraldo Mello (RN).